

Indústria calçadista

Fábricas de calçados tipo exportação tentam se fortalecer

Setor é diretamente responsável pela retomada da economia do município de Três Coroas após a enchente de 2024

Eduardo Torres

A tradição calçadista entre o Vale do Paranhana, a Serra e a Região das Hortênsias concentra 665 empresas do setor, com a geração 27,2 mil empregos formais.

No ano passado, conforme levantamento da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), foram produzidos 47 milhões de pares entre as indústrias da região, em um polo que é especializado nos calçados em couro e material têxtil.

Qualidade tipo exportação, como define o presidente do Sindicato das Indústrias Calçadistas de Três Coroas, no Vale do Paranhana, Márcio dos Santos.

“A nossa produção calçadista responde por 80% da economia do município. Temos um produto muito bem elaborado, que garante um valor agregado e um público consumidor de padrão mais elevado. E temos ainda como diferencial um passivo ambiental zerado e alta

capacidade de qualificação da mão de obra para essa produção. Já formamos mais de mil alunos na nossa escola, que inclui desde o manuseio da matéria-prima até os módulos mais avançados para atuação na indústria, e agora estamos levando essa ideia para a rede de ensino do município”, aponta o presidente.

O setor é diretamente responsável pela retomada da economia de Três Coroas após a cheia de 2024. O Vale do Paranhana teve quase 8% do seu território tomado pela inundação do ano passado, conforme o Mapa Único do Plano Rio Grande, com 5,8 mil CNPJs atingidos.

Entre as microrregiões mapeadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, foi a que teve o maior volume de empresas afetadas pela cheia. No caso das indústrias calçadistas de Três Coroas, mais de 90% foram atingidas de alguma maneira, com perdas superiores a R\$ 100 milhões.

E uma das receitas das empresas locais para saírem mais fortalecidas da calamidade do ano passado estava direcionada justamente aos Estados Unidos. Com o anúncio do tarifaço, que mantém as mais altas taxas de importação aos calçados brasileiros,



Tradicional na região, indústria calçadista garante muitos empregos no Vale do Paranhana

há incerteza no setor.

“Vínhamos executando um projeto desenhado já há dois anos em conjunto com outros sindicatos, envolvendo o investimento de mais de R\$ 600 mil, que chamamos de pacto calçadista direcionado aos Estados Unidos. Já houve feiras e, em junho, estivemos em Nova York, em um summit para conhecermos melhor o mercado. Temos um showroom programado para outubro, novamente em Nova York, onde pretendemos levar os nossos produtos para lá, agora, estamos em compasso de espera”, diz Santos.

Conforme a Abicalçados, as vendas para os Estados Unidos responderam em 2024 por 21% das exportações calçadistas no Vale do Paranhana, com uma redução de 15,5% nos valores negociados, de US\$ 23,8 milhões, em relação a 2023, refletindo as consequências da inundação na produção industrial local.

Nos primeiros sete meses do ano, 82,9% de tudo o que Rolante exportou foi destinado aos Estados Unidos. No município, são 3,7 mil trabalhadores dedicados à indústria calçadista, ou quase 20% da população local.

Estão no Vale do Paranhana quatro dos 25 municípios brasileiros que mais empregam na produção de calçados e partes de calçados.

Em Três Coroas, o mercado norte-americano absorveu 10,1% de tudo o que foi exportado nos primeiros sete meses do ano. Parte deste volume sai da Variettá, que destina 25% da sua produção de até 800 pares por dia para o mercado externo.

A produção na indústria é de calçados femininos finalizados, que garantem maior valor agregado. E neste caso, com um atributo a mais para a entrada em mercados externos, com a numeração inclusiva, até o tamanho 46.

A produção calçadista na região

■ Rio Grande do Sul responde por 21,9% dos calçados produzidos no Brasil, e responde por 49,7% do valor exportado em calçados

■ 23% deles (46,9 milhões de pares) foram produzidos entre o Vale do Paranhana, Serra e Hortênsias

■ Vale do Paranhana empregou 22,2 mil pessoas em 591 empresas do setor em 2024, que tiveram 21% das suas exportações para os Estados Unidos

■ Serra e Hortênsias empregaram 5 mil pessoas em 74 empresas do setor em 2024

Municípios que mais empregam no setor

■ **Parobé:** 6,3 mil empregos (10º no Brasil)

■ **Igrejinha:** 5 mil empregos (14º no Brasil)

■ **Três Coroas:** 3,8 mil empregos (20º no Brasil)

■ **Rolante:** 3,7 mil empregos (22º no Brasil)

(FONTE: ABICALÇADOS 2024)

Gigante da indústria calçadista aposta no fortalecimento da marca no Brasil

Mesmo presente com calçados de marca própria em mais de 60 países – 70% deles na América Latina e quase zero nos Estados Unidos –, a prioridade da Usaflex, que conta com unidades produtivas em Igrejinha e Parobé no Vale do Paranhana, e ainda duas unidades em Campo Bom e Dois Irmãos, no Vale do Sinos, está no fortalecimento da marca no Brasil. E para isso, são investidos R\$ 45 milhões neste ano.

“Estamos aportando R\$ 5 milhões em qualificação de

maquinário e outros R\$ 40 milhões na estratégia de reforço em mídia, especialmente digital. São 180 influenciadoras levando o nome da Usaflex ao mercado”, explica o CEO da empresa, Sérgio Bocayuva.

Faz parte de uma estratégia adotada pela empresa desde que foi adquirida pela Axxon Group. Na época, a Usaflex tinha 75% do seu público com mais de 50 anos. Hoje, essa média já foi reduzida para 40 anos.

“Estamos trabalhando muito com franquias, mídia,

mais estilo e design”, resume o executivo.

A ginasta olímpica Flávia Saraiva, por exemplo, é a garota-propaganda dos calçados Poofy, de injetados voltados ao público mais jovem, e Cláudia Raia é o rosto da linha Usamais, garantindo, segundo Bocayuva, mais competitividade ao produto.

Entre todas as fábricas, a Usaflex tem capacidade produtiva de até 30 mil pares por dia, mas a produção flutua entre 25 mil e 30 mil pares diários. São 1,4 mil pessoas

empregadas na planta, ampliada há três anos, em Igrejinha, e outras mil em Parobé.

“O mercado vive um momento de instabilidade, com queda de 15% nas vendas no primeiro trimestre, e isso deve resultar em uma redução no faturamento, de R\$ 525 milhões no ano passado, para em torno de R\$ 500 milhões em 2025”, diz Bocayuva.

Entre as grandes protagonistas da economia de Igrejinha, a Usaflex garante, ao lado da Beira Rio e outras indústrias calçadistas, por exemplo,

63,5% das exportações do município. Diferente dos municípios vizinhos, porém, somente 2,2% do volume exportado pelo município no primeiro semestre de 2025 foi direcionado aos Estados Unidos.

Uma das explicações está na força das marcas locais. Os calçadistas mais prejudicados pelo tarifaço são aqueles que produzem no sistema de private label (calçados produzidos aqui para marcas norte-americanas), que dificilmente conseguem ser inseridos em outros mercados.